

HUMANIZAÇÃO E ALIENAÇÃO ATRAVÉS DO TRABALHO SEGUNDO MARX

Maria Angélica Peixoto*

A sociedade contemporânea vive um processo de mutação cultural. Vejo vários motivos para isso. Alguns se lançam a esse processo para explicar a crise de 2008 e outras que surgiram, outros para galgar espaços acadêmicos e obter sucesso e fama, pois a novidade sempre abre possibilidades para os novidadeiros. Há os que acabam fazendo isso por acreditar nos discursos dominantes e eu posso listar outras razões. É nesse contexto que alguns querem “superar” os clássicos ou defender que estamos numa era pós-moderna ou qualquer coisa parecida e por isso o pensamento dos autores clássicos da sociologia estaria superado. O alvo principal dessas afirmações é Karl Marx. Acredito que os seus conceitos e explicação da realidade contemporânea não estão superados. Para mim, as classes sociais, a alienação, o modo de produção capitalista, a exploração, entre diversos outros temas deste autor continuam tendo importância e realidade.

Esse é o caso do termo trabalho alienado ou alienação. Este é o tema principal do meu estudo e que se relaciona com diversos outros, alguns serão mencionados, outros não. Isso se deve à complexidade do assunto e variedade de temas a ele relacionados. Ao falar em trabalho alienado, acabo levando a falar de natureza humana, ser social, cooperação, capitalismo, classes sociais, e vários outros. O centro da minha análise será a alienação e os temas mais próximos aparecerão brevemente, enquanto outros nem poderão ser apresentados.

Esse tema, além da oposição dos novidadeiros, tem um outro obstáculo, que são os diversos intérpretes do pensamento de Marx a respeito da alienação. Vejo que essa diversidade não é apenas quantitativa, é qualitativa pelo fato de que o conceito de alienação é bem distinto dependendo do intérprete. Não será possível para mim entrar nesse mar de interpretações e por isso apenas trabalharei com a interpretação que julgo mais coerente com os escritos de Marx. Meu objetivo é recordar o que significa o termo alienação em Marx e complementar com a existência, no pensamento deste autor, do trabalho não alienado, atividade vital do homem que o caracteriza como tal, sendo que o

* Graduada em Ciências Sociais (UFG); Mestre em Sociologia (UnB); Doutora em Sociologia (UFG); Professora do IFG – Instituto Federal de Goiás, Campus Goiânia Oeste. Pesquisadora do Grupo de Pesquisas e Estudos em Leitura – GPEL e Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação e Ciências, ambos do IFG.

caracteriza como ser humano. O trabalho como alienação é a negação do trabalho como objetivação, e por isso considero interessante destacar esse aspecto. Outro elemento complementar importante que apresentarei neste escrito, mesmo que de forma breve, é como esse trabalho alienado se manifesta na sociedade capitalista moderna. O trajeto que desenvolvo aqui é uma síntese de considerações a respeito de uma temática extremamente complexa. Isso traz um risco de simplificação excessiva ou deformação. No entanto, apesar disso, acredito que a presente discussão consegue colocar os aspectos essenciais do tema do trabalho alienado em Karl Marx, embora possa padecer de uma ou outra lacuna.

Marx e o trabalho alienado

Acredito que Karl Marx (1813-1883) primou pela construção de uma teoria da alienação que se diferencia das anteriormente existentes. Considero que a sua análise do trabalho alienado é exemplar e faz parte de sua concepção global de ser humano, trabalho e sociedade. É uma de suas grandes contribuições para a sociologia do trabalho, mesmo que muitos não reconheçam isso.

O texto em que Marx desenvolve a sua discussão sobre trabalho alienado é o chamado “*Manuscritos Econômico-Filosóficos*”, de 1844. A sua publicação ocorreu quase um século após, sendo que a primeira edição só foi publicada em 1927 e de forma incompleta. A edição completa só seria publicada em 1932.

A produção dessa obra ocorreu após a ida de Marx para Paris, pois, o encontro com os socialistas franceses incentivou seus estudos na área de economia já iniciados na Alemanha, como ele explica em uma de suas obras (MARX, 1983a). É por isso que se pode dizer que a sua adesão ao comunismo foi produto de seu contato com estes socialistas (MACLELLAN, 1990, p. 112), embora eu considere essa afirmação seja exagerada e o correto seja dizer que sua adesão formal ao “socialismo” tenha ocorrido nesse momento. Os socialistas que ele contactou na França foram Louis Blanc, Bakunin e Proudhon, entre diversos outros. Após este contato inicial ele teria passado a dedicar estudos à economia política e às questões que envolviam os trabalhadores. Essa tese, no entanto, pode ser questionada, pois ele já havia iniciado estudos de economia política antes¹.

¹ O próprio Marx afirma que sua preocupação com as “questões econômicas” ocorre a partir de seu texto sobre o “Roubo de Lenha” dos camponeses (Marx, 1983a). O texto de Karl Marx que trata do “roubo de lenha” é intitulado “Os Debates sobre a Lei do Roubo de Lenha” (*Debatten über das Holzdiebstahlggesetz*). Esse artigo foi publicado na Gazeta Renana em 1842, no Marx critica as leis que criminalizavam os

Em 1844, Marx elaborou um esboço de discussão sobre a economia política clássica, abordando ainda a questão do comunismo, do trabalho e da alienação. Desses esboços que ficaram incompletos e nunca foram publicados em vida, restaram quatro capítulos, chamados de *Manuscritos econômico-filosóficos* ou *Manuscritos de Paris*, pelos responsáveis por sua publicação, já que Marx não os nomeou. Em tais manuscritos, há discussões sobre salário, capital, lucro, renda da terra, trabalho alienado, entre outros temas correlacionados. O foco e elemento fundamental da teoria de Marx nesses manuscritos é, no entanto, o trabalho alienado.

Esse é um texto extremamente complexo e que proporcionou as mais variadas interpretações a respeito do termo alienação. O trabalho para Marx é a atividade vital do homem, sua própria essência.

Dito de maneira simples, o que Marx queria dizer quando falava de alienação era isso: pertence à natureza do homem ser seu próprio criador; ele forma e desenvolve a si mesmo atuando sobre e transformando o mundo, é da natureza do homem controlar o processo, ser o iniciador, o sujeito no qual se origina o processo. Contudo, esta natureza se tornou alheia ao homem, isto é, ela não é mais dele e pertence a outra pessoa ou coisa. Na religião, por exemplo, é Deus que é o sujeito do processo histórico. É Deus que tem a iniciativa e o homem está numa situação de dependência. Na economia, segundo Marx, é o dinheiro ou os vínculos monetários que manobram os homens como se eles fossem objetos em vez de o contrário. O ponto central é que o homem perdeu o controle de seu próprio destino e viu este controle investido em outras entidades. O que é próprio do homem se tornou alheio a ele, sendo o atributo de outra coisa (MCLELLAN, 2006, p. 124-125).

Aqui há um pequeno problema interpretativo. Isso já gerou muitas polêmicas. Tais polêmicas surgiram a partir de determinadas interpretações do que é alienação para Marx. O importante na citação acima é reter dois momentos: um, no qual o homem é um ser criativo, transformador, que transforma a si e o mundo, realizando o processo de humanização. O outro é a alienação. No primeiro caso, a posição de MacLellan não causa nenhuma estranheza. A sua ideia de alienação, compartilhada por muitos outros, é que é problemática, já que ele pensa a alienação remete para a ideia de despossessão e para a ideia de algo que é estranho ou alheio.

Não é essa a posição de Marx. O trabalho alienado é trabalho, atividade, ação, e isso sob a forma de cooperação, com outros seres humanos. O trabalho alienado é mais específico:

O que constitui a alienação do trabalho? Primeiramente, ser o trabalho externo ao trabalhador, não fazer parte de sua natureza, e, por

camponeses pobres por coletar lenha nas florestas, argumentando que essas leis beneficiavam os proprietários de terras e perpetuavam a injustiça social.

consequente, ele não se realizar em seu trabalho, mas negar a si mesmo, ter um sentimento de sofrimento em vez de bem-estar, não desenvolver livremente suas energias mentais e físicas mas ficar fisicamente exausto e mentalmente deprimido. O trabalhador, portanto, só se sente à vontade em seu tempo de folga, enquanto no trabalho se sente contrafeito. Seu trabalho não é voluntário, porém imposto, é trabalho forçado. Ele não é a satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio para satisfazer outras necessidades. Seu caráter alienado é claramente atestado pelo fato de, logo que não haja compulsão física ou outra qualquer, ser evitado como uma praga. O trabalho exteriorizado, trabalho em que o homem se aliena a si mesmo, é um trabalho de sacrifício próprio, de mortificação. Por fim, o caráter exteriorizado do trabalho para o trabalhador é demonstrado por não ser o trabalho dele mesmo mas trabalho para outrem. Por no trabalho ele não se pertencer a si mesmo mas sim a outra pessoa (MARX, 1983b, p. 93).

O trabalho como mortificação, sofrimento, imposição é o alienado. O trabalho é alheio ao trabalhador, externo. O que significa dizer que o trabalho é alheio, externo? Que não é dele, não pertence a ele, pertence a outro. Um dos significados da palavra presentes nos dicionários esclarece isso: que é de outrem (VIANA, 2017). O trabalho alienado é o que pertence a outro, por isso é imposição, externo e gera sofrimento, mortificação. É “trabalho forçado”, é “trabalho para outrem”, no seu trabalho ele não pertence “a si mesmo, mas sim a outra pessoa”. Essa posição de Marx deixa claro dois aspectos importantes. O trabalho alienado só existe havendo o outro que domina a atividade do trabalhador, ou seja, constitui uma relação social (VIANA, 2012). O segundo aspecto é que essa relação social tem como elemento basilar a atividade, o próprio trabalho. É mister destacar estes dois aspectos e mostrar sua presença no próprio texto de Karl Marx:

Até aqui consideramos a alienação do trabalhador somente sob um aspecto, qual seja o de sua relação com os produtos de seu trabalho. Não obstante, a alienação aparece não só como resultado, mas também como processo de produção, dentro da própria atividade produtiva. Como poderia o trabalhador ficar numa relação alienada com o produto de sua atividade se não se alienasse a si mesmo no próprio ato da produção? O produto é, de fato, apenas o *résumé* da atividade, da produção. Consequentemente, se o produto do trabalho é alienação, a própria produção deve ser alienação ativa – alienação da atividade de alienação. A alienação do objeto de trabalho simplesmente resume a alienação da própria atividade do trabalho (MARX, 1983b, p. 93).

A alienação ocorre em relação aos produtos do trabalho, que se tornam alheios, pertencentes a outros, não pertencentes aos trabalhadores. O destaque de Marx não é neste aspecto. A citação acima mostra que para ele o mais importante não é alienação do produto, do resultado, e sim o que permite isso, a própria “atividade produtiva”. O produto é o resumo da atividade humana. Essa tese será desenvolvida exaustivamente nas obras posteriores quando Marx analisará a exploração capitalista, pois é o trabalho humano que

gera a mercadoria (MARX, 1988), a propriedade privada e se estas existem, é devido o controle exercido sobre o trabalhador na atividade, no processo de trabalho. A alienação do produto apenas resume a alienação da atividade e, logo, essa é a mais importante. O trabalho alienado é autoatividade alienada, que tem como consequência a alienação do produto.

Isso não encerra o assunto. Se há uma atividade alienada, um trabalho alienado, considero que gera a alienação do produto, com ambos se tornando controlados e pertencentes a outro, é preciso entender que isso é uma relação social e, mais importante, quem é esse outro.

No mundo real da prática, essa autoalienação só pode ser expressa na relação real, prática, do homem com seus semelhantes. O meio através do qual a alienação ocorre é, por si mesmo, um meio prático. Graças ao trabalho alienado, por conseguinte, o homem não só produz sua relação com o objeto e o processo da produção como com homens estranhos e hostis, também produz a relação de outros homens com a produção e o produto dele, e a relação entre ele próprio e os demais homens (MARX, 1983b, p. 99).

A alienação do trabalho é uma relação social, e esse outro que o trabalhador se relaciona é o não-trabalhador, aquele que dirige o seu trabalho e se apropria do seu produto, é o proprietário, cuja propriedade nasce do trabalho alheio (MARX, 1983). Claro fica então que essa é uma relação social entre trabalhador e não-trabalhador e este último domina a atividade do primeiro e seu produto, sendo uma dupla relação de dominação e exploração.

Nesse ponto, posso voltar ao problema das interpretações, tais como a de McLellan, que fala em alienação como “desposseção” e “algo estranho, alheio”. O grande problema dessa interpretação, que não é só dele, é a interpretação da maioria, é evidenciar um aspecto da alienação e considerar um elemento que é mera consequência como sendo o que o define. A desposseção é perda do produto do trabalho, é resultado da alienação do produto². A concepção de que alienação remete a ideia de algo estranho e alheio é ausente no pensamento de Marx, sendo consequência do trabalho alienado e não alienação propriamente dita. O pior de tudo é que nessa abordagem o fundamental fica ausente e o próprio Marx enfatizou como se pode notar pelas citações acima: a

² Na interpretação de Viana, existe a alienação do trabalho (que significa controle do trabalho pelo não-trabalhador) e alienação do produto (que significa controle do produto do trabalho) e, derivado disso, existe o alheamento da atividade e do produto, que, nesse caso, significa que o trabalho e o seu produto se tornam “alheios” no sentido de “pertencente” a outros, ou seja, passam a ser propriedade/posse de outro (VIANA, 2017).

atividade, o trabalho. A despossessão e o efeito da alienação na consciência, uma alienação derivada de outra mais importante (que é a alienação do produto) e a consequência disto aparecem e misteriosamente o trabalho alienado, a alienação da atividade que gera a alienação do produto e possibilita o “estranhamento”, desaparece.

Assim, considero que além da alienação (heterogestão, dominação no âmbito do trabalho, atividade laboral) e suas consequências reais e práticas, o alheamento (ou “despossessão”, o ato de exploração), existe o efeito disso na consciência, que Marx denomina, inicialmente, como “estranhamento” e, posteriormente, como fetichismo (VIANA, 2017), em sua abordagem do “fetichismo da mercadoria”, no caso concreto da sociedade capitalista (Marx, 1988a). Muitos supostos “marxistas” deformam essa concepção de trabalho alienado ao ponto de transformar essa mera consequência ao nível mental, o “estranhamento”, no elemento fundamental que o caracterizaria, transformando Marx num autor que apresentaria uma concepção idealista de alienação (concepção hegeliana que ele critica), que deixaria de remeter para o processo material de produção no qual os trabalhadores são dominados e explorados para ser apenas um problema a nível da consciência.

A outra face do trabalho em Marx: trabalho e realização humana

A maioria das interpretações do pensamento de Marx sobre o tema da alienação deixa de lado não só a questão de ser uma relação social cujo elemento central é a atividade, o trabalho, como muitas vezes deixa de lado um outro tema importante: o trabalho não alienado. É nesse tópico que vejo uma leitura que deixa de lado o oposto e, ao fazer isso, dá a entender que trabalho é sempre alienado. Para mim, isso significa deixar de lado o trabalho como manifestação da essência humana, e aí só resta defender o “direito à preguiça”. Considero que essa abordagem limita a compreensão do pensamento de Marx sobre o trabalho e sua relação com a humanidade.

A releitura da citação de McLellan (2006) é importante para essa discussão. O primeiro ponto que ele apresenta é totalmente corroborado pelo escrito de Marx: o trabalho é uma atividade vital do homem, é sua essência. Marx retomará essa concepção muito tempo depois ao enfatizar o que distingue o trabalho animal do humano: o primeiro é uma programação instintual e o segundo é intencional, planejado.

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas,

cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve potências nela adormecidas e sujeita o jogo de suas forças a seu próprio domínio. [...]. Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto, idealmente. Ele não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, a espécie e o modo de sua atividade e ao qual tem de subordinar sua vontade. E essa subordinação não é um ato isolado. Além do esforço dos órgãos que trabalham, é exigida a vontade orientada a um fim, que se manifesta como atenção durante todo o tempo de trabalho, e isso tanto mais quanto menos esse trabalho, pelo próprio conteúdo e pela espécie e modo de sua execução, atraí o trabalhador, portanto, quanto menos ele o aproveita, como jogo de suas próprias forças físicas e espirituais” (MARX, 1988b, p. 143).

O trabalho é, nesse sentido, objetivação, práxis. Nos *Manuscritos* ele diz que o trabalho é atividade vital do homem, vida produtiva, vida criando vida, atividade livre, consciente e isso constitui o “caráter genérico do homem” (MARX, 1983). No trecho citado acima de *O Capital*, as coisas se repetem. O caráter consciente e finalístico do trabalho humano em contraposição ao do animal é representado na comparação entre o arquiteto e a abelha. O que Marx afirma é que o homem usa suas forças vitais para produzir coisas úteis e para isso trabalha a natureza. Ela modifica a natureza e a si mesmo. Nesse momento, ele desenvolve “potências nela (em sua natureza, essência humana) adormecidas” e as domina. Ele coloca uma intenção no trabalho antes de executá-lo, o que estava na sua imaginação se concretiza, o resultado, o produto, já estava presente na imaginação do trabalho. Há uma “vontade orientada para um fim”. Isso é equivalente ao que colocou nos *Manuscritos* como “atividade vital do homem”.

Acredito que esse aspecto do pensamento de Marx não pode ser esquecido. Alguns autores, como Pannekoek, Fromm e Marcuse, retomaram a percepção do duplo caráter do trabalho no pensamento marxiano. Considero que Fromm (1983) e Marcuse (1981), apesar de suas divergências, concebem o trabalho como essência humana (Peixoto, 2021). Vejo que muito antes, Pannekoek já havia apontado a duplicidade do trabalho humano (PANNEKOEK, 1976; PEIXOTO, 2022). Entendo que a duplicidade da concepção de trabalho em Marx revela uma distinção filosófica entre o trabalho como atividade

essencial humana, natureza humana, e como alienação, negação da natureza humana, atividade de mortificação graças ao controle exercido por outro.

Trabalho, capitalismo e mercadoria segundo Marx

A abordagem marxista do trabalho não para aí. Marx também discute o trabalho na sociedade capitalista. O trabalho alienado no capitalismo assume características específicas. Para alguns autores há alienação apenas no capitalismo, como é o caso de Mandel (1967) e para outros, como Fromm (1983) e Viana (2012; 2017) ele existe em todas as sociedades de classes, posição que corroboro. Outros já questionam se Marx não teria abandonado o conceito de alienação e este não apareceria em *O Capital*. Essa visão é questionada por Mészáros, pois este afirma que “nenhum dos significados de alienação usados por Marx nos *Manuscritos econômicos-filosóficos* desapareceu de seus escritos posteriores”; “o conceito de alienação, como compreendido por Marx em 1844, com todas as suas complexas ramificações, não é um conceito que pudesse ser abandonado” (2006, p. 207). Essa concepção está ligada, em parte, ao processo de separação entre “jovem Marx” e “Marx maduro”. Esta posição já foi por demais criticada e apenas exponho neste texto o meu posicionamento que ela é inaceitável.

O trabalho no capitalismo eleva ao extremo a alienação. O trabalhador é o proletário, aquele que possui apenas sua força de trabalho e por isso é constrangido a vendê-lo em troca de um salário. Isso significa que ele é despossuído dos meios de produção, não tem capital, e que o capitalista é o proprietário dos meios de produção, do capital. No capitalismo, há uma generalização da produção de mercadorias e tudo vai se tornando mercadoria, a ponto de que a própria força de trabalho é uma mercadoria que o trabalho deve vender e assim se instaura, no contrato entre proletário e capitalista, que manifesta uma relação cujo objetivo é produzir mercadorias. As mercadorias, por sua vez, são valores de uso e valores de troca. A classe proletária, ao produzir a mercadoria, produz também mais-valor, ou seja, um excedente, que revela a forma tipicamente capitalista de produção de mercadorias.

Nesse contexto, o operário é juridicamente livre, não é constrangido fisicamente, como eram os servos e escravos, a trabalhar, o faz por livre e espontânea vontade indo ao mercado e estabelecendo um contrato com o capitalista. Ao vender sua força de trabalho e realizar o processo de trabalho sobre o controle do capitalista, o trabalhador produz novas mercadorias, e ao produzi-las repassa o valor contido nos meios de produção e matérias-primas e, ao mesmo tempo, acrescenta novo valor, cria um excedente. O

capitalista, no entanto, não repassa para ele este excedente, mas apenas o necessário para que o trabalhador possa sobreviver, reproduzir sua força de trabalho e de sua prole. Esse excedente adquirido permite a acumulação de capital.

Nesse processo se percebe as características essenciais do trabalho alienado, o trabalhador é submetido ao controle do seu processo de trabalho pelo capital, não controla nem sua atividade, nem o resultado dela. Como consequência disso, há o estranhamento, o fetichismo da mercadoria (MARX, 1988a). Esse processo começa pela manufatura. “A divisão manufatureira do trabalho pressupõe concentração dos meios de produção nas mãos de um capitalista, a divisão social do trabalho, fracionamento dos meios de produção entre muitos produtores de mercadorias independentes entre si” (MARX, 1988b, p. 470).

Marx fala da revolução no modo de produção capitalista quando ele passa da manufatura para a grande indústria, no primeiro caso o ponto de partida é a força de trabalho e no segundo o meio de trabalho.

Na manufatura, a articulação do processo social de trabalho é puramente subjetiva, combinação de trabalhadores parciais; no sistema de máquinas, a grande indústria tem um organismo de produção inteiramente objetivo, que o operário já encontra pronto, como condição de produção material. Na cooperação simples e mesmo na especificada pela divisão do trabalho, a supressão do trabalhador individual pelo socializado aparece ainda como sendo mais ou menos casual. A maquinaria, com algumas exceções a serem aventadas posteriormente, só funciona com base no trabalho imediatamente socializado ou coletivo. O caráter cooperativo do processo de trabalho torna-se agora, portanto, uma necessidade técnica ditada pela natureza do próprio meio de trabalho (MARX, 1988a, p. 470).

Na grande indústria, a alienação é mediada pela maquinaria industrial, transformando o proletário num verdadeiro autômato:

Todo trabalho na máquina exige aprendizado precoce do trabalhador para que ele aprenda a adaptar seu próprio movimento ao movimento uniforme e contínuo de um autômato. À medida que a própria maquinaria coletiva constitui um sistema de máquinas variadas, atuando ao mesmo tempo e de modo combinado, a cooperação nela baseada exige também uma divisão de diferentes grupos de trabalhadores entre as diferentes máquinas. Mas a produção mecanizada supera a necessidade de fixar à moda da manufatura essa divisão por meio da apropriação permanente do mesmo trabalhador à mesma função. Como o movimento global da fábrica não parte do trabalhador, mas da máquina, pode ocorrer contínua mudança de pessoal sem haver interrupção do processo de trabalho (MARX, 1988a, p. 54).

Este processo vai gestar a luta entre capitalista e proletários.

A luta entre capitalista e assalariado começa com a própria relação-capital. Ela se agita por todo o período manufatureiro. Mas só a partir da introdução da maquinaria é que o trabalhador combate o próprio meio de trabalho, a forma de existência material do capital. Revolta-se contra essa forma determinada do meio de produção como base material do modo capitalista de produção (MARX, 1988b, 49-50).

Assim, considero que no modo de produção capitalista a alienação do trabalho assume características específicas, tanto em seus aspectos de mortificação, negação da natureza humana, controle da atividade e produto, quanto da insatisfação gerada e que produz a luta operária, seja contra as máquinas, por salários ou mesmo pelo fim da alienação. Acredito que o trabalho humanizador, aquele que é próprio da natureza humana, foi impedido de se manifestar e o proletário foi desumanizado graças ao processo de exploração do capital sobre o seu trabalho.

Considerações finais

A abordagem temática de Marx sobre a alienação remete ao problema fulcral do trabalho alienado e sua relação com o trabalho humanizador, da mesma forma que remete aos processos históricos e forma de manifestação específica, inclusive remetendo a possibilidade de retomada do trabalho humanizador.

Neste artigo, apresentei o conceito de trabalho alienado que julgo coerente com o pensamento de Marx, assim como o trabalho humanizador e a manifestação específica da alienação do trabalho no capitalismo. Considero que essa foi uma das grandes contribuições de Marx e que precisaria ser complementada com diversos outros itens e aspectos, que ficaram ausentes por demandar maior pesquisa, leituras de outros autores e mais textos do próprio Marx. No entanto, como meu objetivo era realizar uma síntese e não uma análise mais profunda e pormenorizada, acredito que os objetivos colocados no início foram atingidos.

Para encerrar, gostaria de apontar um aspecto interessante que ficou de fora, mas que ajuda a complementar tudo que foi abordado até aqui: a questão da alienação na história e as influências no pensamento de Marx para produzir sua concepção de trabalho alienado. É bem conhecido o fato da influência de Hegel e Feuerbach em sua construção da concepção de alienação. Embora não tenha sido possível explorar os antecedentes de Marx e seus reflexos no seu pensamento, considero interessante destacar a relação entre história e alienação. A alienação começa numa época determinada e tende a acabar em

outra. Se em Hegel é a objetividade e em Feuerbach é a recuperação da natureza humana que reconhece suas produções como projeção, em Marx é a revolução proletária, com a superação do capitalismo, que temos o fim da alienação (SERRA, 2008; VIANA, 2017). Portanto, acredito que a volta do trabalho humanizador é consequência da luta de classes e da constituição do comunismo, exatamente como exposto por Marx.

Referências

- FROMM, Erich. *Conceito marxista do homem*. 8ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- MANDEL, Ernst. *A formação do pensamento econômico de Karl Marx*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- MARCUSE, Herbert. *Ideias para uma teoria crítica da sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- MARX, Karl. Contribuição à crítica da economia política. São Paulo: Martins Fontes, 1983a.
- MARX, Karl. Manuscritos Econômicos e Filosóficos. In: FROMM, Erich. *Conceito marxista do homem*. 8ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1983b.
- MARX, Karl. *O capital*. Vol 1. 3ª Edição, São Paulo: Nova Cultural, 1988a.
- MARX, Karl. *O capital*. Vol 2. 3ª Edição, São Paulo: Nova Cultural, 1988b.
- MCLELLAN, David. *Karl Marx: vida e pensamento*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- MÉSZÁROS, István. *A teoria da alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- PANNEKOEK, Anton. *As tarefas dos conselhos operários*. Coimbra, Centelha, 1976.
- PEIXOTO, Maria Angélica. Para Entender a Alienação: Marx, Fromm e Marcuse. In: SANTOS, André de Melo (org.). *Erich Fromm e os dilemas humanos na sociedade moderna*. Goiânia: Edições Redelp, 2021.
- PEIXOTO, Maria Angélica. Trabalho alienado ou trabalho autônomo? *Revista Marxismo e Autogestão*. Vol. 09, num. 12, 2022. Disponível em: <https://redelp.net/index.php/rma/article/view/1245>. Acesso em: 13 abr. 2025.
- SERRA, Joaquim M. P. *Alienação*. Covilhã: Universidade Beira do Interior, 2008.
- VIANA, Nildo. A alienação como relação social. *Revista Sapiência* (UEG). Vol. 01, num. 02, 2012.
- VIANA, Nildo. Karl Marx: a crítica desapiedada do existente. Curitiba: Prismas, 2017.

Resumo: O conceito de trabalho alienado no pensamento de Marx é palco de polêmicas e disputas interpretativas. A interpretação hegemônica apresenta a negatividade do trabalho alienado e encerra sua análise nesse momento. Outros analistas já apresentam uma interpretação diferenciado do que significa o “trabalho alienado” e, ao mesmo tempo, reconhecem a existência de uma outra forma de trabalho. O presente artigo vem para discutir e apresentar o duplo caráter do trabalho segundo Marx. Além de resgatar o conceito marxista de trabalho alienado, tal como desenvolvido por Marx, mostra o trabalho em seu sentido positivo, como processo de humanização, como práxis.

Palavras-chave: alienação, trabalho alienado, humanização, Marx, capitalismo.

Resumen: El concepto de trabajo enajenado en el pensamiento de Marx es objeto de polémicas y disputas interpretativas. La interpretación hegemónica destaca la negatividad del trabajo enajenado y concluye su análisis en ese punto. Otros analistas, sin embargo, proponen una lectura distinta de lo que significa el “trabajo enajenado” y, al mismo tiempo, reconocen la existencia de otra forma de trabajo. El presente artículo se propone discutir y presentar el doble carácter del trabajo según Marx. Además de recuperar el concepto marxista de trabajo enajenado, tal como fue desarrollado por Marx, muestra el trabajo en su sentido positivo: como proceso de humanización, como praxis.

Palabras-claves: alienación, trabajo enajenado, humanización, Marx, capitalismo.

* Recebido em: 26/03/2025

* Aceito em: 05/05/2025